

Nota Informativa 05/09/2025

Dinâmicas do Comércio Externo Português: análise da balança de bens e exposição aos principais parceiros comerciais

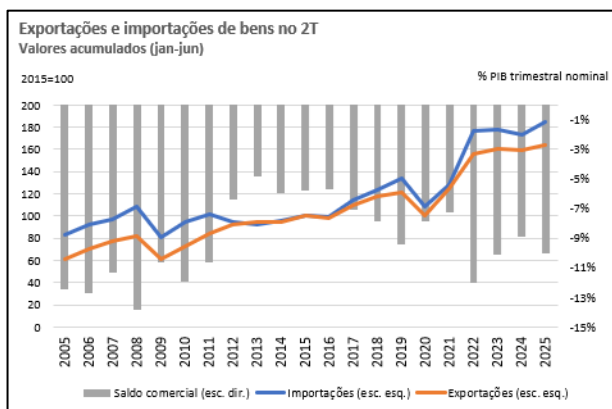
A presente nota tem como objetivo analisar a evolução das exportações e importações de bens de Portugal (balança de bens), e principais tendências, apresentando detalhes ao nível dos tipos de produtos comercializados e principais parceiros comerciais. Avaliamos ainda a exposição de Portugal aos Estados Unidos (EUA) no que toca ao comércio externo de bens, com o objetivo de averiguar os impactos nas trocas comerciais diretas entre estas duas economias decorrentes da aplicação das tarifas propostas pela administração Trump às importações.

Evolução histórica da balança de bens portuguesa

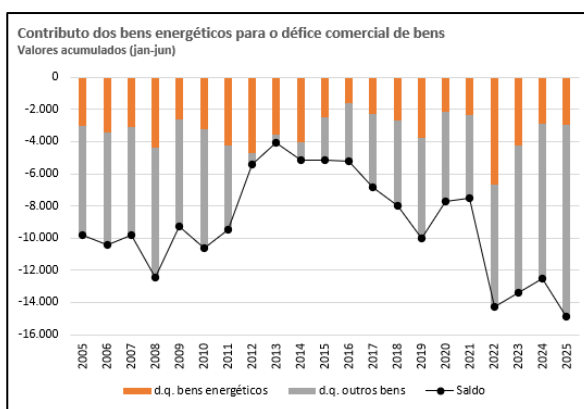
A **balança de bens** é a componente da balança de pagamentos que regista a diferença entre o valor das exportações (vendas) e importações (compras) de bens de um país. No caso português, o saldo da balança de bens fixou-se em -14.872 milhões de euros nos primeiros 6 meses do ano (-10% do PIB), correspondendo ao défice mais expressivo da série histórica iniciada em 2005, próximo dos valores registados em 2022, aquando da escalada dos preços dos combustíveis no mercado internacional, na sequência da guerra na Ucrânia (que teve como resultado um disparo do défice nesse ano em 89%, com a componente energética a justificar 47% do défice registado, +16 p.p. face ao respetivo contributo nos primeiros seis meses de 2021). De facto, e apesar da redução verificada nos últimos 3 anos, a fatura energética continua a ter um peso expressivo no défice comercial de bens, registando um contributo de cerca de 20% até junho de 2025.

Face ao mesmo período de 2024, o saldo da balança de bens portuguesa agravou-se em 19%, justificado pelo aumento das importações (+6,9%, justificado em mais de 50% pelo aumento das importações de bens industriais, que cresceram 12,2% homólogo), que mais do que compensou o aumento registado nas exportações de bens (+3,1%, onde se destacam também os bens industriais, com crescimento homólogo de exportações de 9,5%). O aumento das importações de bens industriais pode ter como resultado melhorias nos processos produtivos e ser um meio para que a economia portuguesa aumente a sua capacidade produtiva a médio/longo prazo, com impacto subsequente nas vendas de bens para o exterior.

Na última década, as importações de bens cresceram a um ritmo superior ao das exportações (crescimento médio anual de 6,7% entre 2014 e 2024, comparativamente aos 5,4% verificados nas exportações), refletindo-se no agravamento do défice da balança de bens, medido em valor nominal. Este movimento manteve-se no primeiro semestre de 2025, marcado por sinais de enfraquecimento da procura externa, com as importações a acelerarem por antecipação de compras antes do encarecimento dos bens importados por alteração da política aduaneira norte-americana, ultrapassando o crescimento verificado nas exportações. Apesar do alargamento de 19% no défice em termos nominais, o significativo crescimento económico nominal que se registou nos últimos anos (em parte justificado pelo crescimento da FBCF, onde as importações de bens industriais assumem um papel importante) tem travado um agravamento mais expressivo do défice medido em percentagem do PIB.



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Até junho de 2025, os principais produtos exportados por Portugal foram veículos automóveis, reboques e semi-reboques, que representam 12% do total das exportações, seguindo-se os produtos alimentares e os produtos informáticos, eletrónicos e óticos (com uma preponderância de 8% e 7%, respetivamente). No primeiro semestre de 2025, **73% das exportações de bens teve como destino países da União Europeia¹** (UE), sendo os mais relevantes a Espanha, Alemanha, França, Itália e os Países Baixos. A exposição da economia portuguesa a estes cinco países tem-se mantido estável desde 2005 (em média, as exportações de bens para este conjunto de países equivalem a 79% do total das exportações para países da UE; 83% em 2025). No que diz respeito à venda de bens para países fora da UE, os principais parceiros comerciais de Portugal em 2025 são, por ordem de relevância, os EUA, Reino Unido, Angola, Marrocos e Brasil. Estes países foram o destino de 52% das exportações extracomunitárias no primeiro semestre do ano. A lista dos principais produtos exportados para países extra-UE incluem o coque e produtos petrolíferos refinados, veículos automóveis, reboques e semi-reboques e produtos farmacêuticos. De um ponto de vista agregado, é possível concluir que o crescimento das exportações de bens até junho foi justificado pela **intensificação das trocas comerciais com os países da UE** (+5,6% face ao mesmo período de 2024), onde se destaca o aumento da comercialização de produtos farmacêuticos com a Alemanha. Em sentido contrário, a **venda de bens a países fora da UE abrandou 2,9%**, em resultado da diminuição das exportações para os EUA face a 2024 (-8%).

Principais produtos exportados até junho de 2025

	Milhões de euros	Peso no total (%)	Var. hom. (%)		Milhões de euros	Peso no total (%)	Var. hom. (%)
Intra-UE	29.832	100%	5,55%	Extra-UE	11.250	100%	-2,85%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	3.822	13%	-2,64%	Coque e produtos petrolíferos refinados	1.332	12%	-20,77%
Produtos alimentares	2.303	8%	-1,71%	Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	1.074	10%	10,41%
Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	2.297	8%	0,76%	Produtos farmacêuticos	928	8%	12,48%
Espanha	10.684	36%	3,56%	EUA	2.534	23%	-8,03%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	1.369	13%	-0,85%	Produtos farmacêuticos	727	29%	18,47%
Produtos alimentares	1.360	13%	-2,22%	Coque e produtos petrolíferos refinados	364	14%	-38,50%
Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	625	6%	2,07%	Artigos de borracha e de matérias plásticas	211	8%	-1,61%
Alemanha	5.857	20%	31,57%	Reino Unido	1.820	16%	-3,44%
Produtos farmacêuticos	1.331	23%	843,66%	Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	472	26%	-4,80%
Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	869	15%	-0,05%	Produtos alimentares	132	7%	-11,33%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	820	14%	-8,73%	Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	129	7%	-1,34%
França	4.928	17%	-1,74%	Angola	516	5%	6,90%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	661	13%	0,98%	Máquinas e equipamentos	75	14%	-16,40%
Produtos metálicos transformados, exceto máquinas e equipamento	480	10%	-11,03%	Produtos alimentares	67	13%	6,16%
Artigos de borracha e de matérias plásticas	335	7%	6,30%	Produtos metálicos transformados, exceto máquinas e equipamento	49	9%	42,50%
Itália	1.838	6%	-1,03%	Marrocos	504	4%	-10,17%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	291	16%	-19,62%	Equipamento elétrico	103	20%	36,35%
Produtos da indústria do tabaco	215	12%	24,03%	Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	59	12%	14,16%
Produtos alimentares	212	12%	-0,69%	Produtos têxteis	44	9%	38,38%
Países Baixos	1.411	5%	-0,42%	Brasil	485	4%	-12,80%
Coque e produtos petrolíferos refinados	197	14%	31,08%	Produtos alimentares	211	43%	-29,07%
Produtos químicos	141	10%	-21,36%	Outro equipamento de transporte	104	22%	29,25%
Produtos da agricultura, da produção animal, da caça e dos serviços relacionados	121	9%	7,68%	Bebidas	40	8%	1,50%

Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Nota: O peso das rubricas nas exportações em cada país refere-se ao total específico desse país (valores acumulados de janeiro a junho de 2025).

¹ Desde 2005, em média ¾ das exportações de Portugal tem como destino países pertencentes à UE.

No que diz respeito à compra externa de bens, os principais produtos importados por Portugal no primeiro semestre de 2025 foram veículos automóveis, reboques e semi-reboques, produtos alimentares e produtos químicos, cujo valor agregado equivale a 31% do total das importações. Nos primeiros seis meses do ano, **76% do valor das importações de bens teve origem em países da UE**, com destaque para a Espanha, Alemanha, França, Países Baixos e Itália. Nesse período, as importações de bens provenientes da UE cresceram 9,1%, ao passo que os compras efetuadas a países extracomunitários cresceram apenas 0,5%. A dependência da economia portuguesa no que toca à importação de bens com origem nesses cinco países sempre foi bastante significativa (em média, as importações de bens daí provenientes equivalem a 84% do total das importações com origem na UE; 82% em 2025). Do lado dos países não pertencentes à UE, os principais parceiros comerciais de Portugal em 2025 foram, por ordem de relevância, a China, Brasil, EUA, Turquia e a Argélia. Os principais produtos adquiridos fora da UE foram petróleo bruto e gás natural, produtos informáticos, eletrónicos e óticos e produtos químicos. As compras de bens à China aumentaram 11% até junho, em particular devido à aquisição de equipamento elétrico e máquinas. Apesar de ser o segundo país fora da UE de onde Portugal mais importa bens, o valor das importações do Brasil foi 18% inferior face ao mesmo período de 2024, em resultado da queda nas compras de petróleo bruto e gás natural, produtos agrícolas e animais e produtos alimentares.

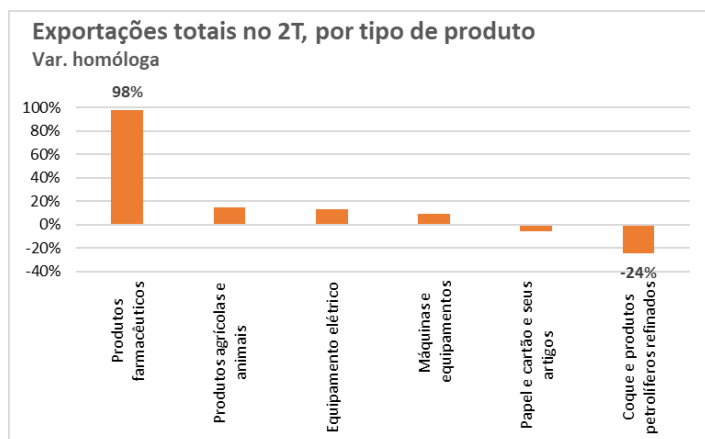
Principais produtos importados até junho de 2025

	Milhões de euros	Peso no total (%)	Var. hom. (%)		Milhões de euros	Peso no total (%)	Var. hom. (%)
Intra-UE	42.528	100%	9,07%	Extra-UE	13.427	100%	0,55%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	5.494	13%	8,23%	Petróleo bruto e gás natural	3.210	24%	-10,33%
Produtos alimentares	4.858	11%	7,52%	Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	1.380	10%	2,98%
Produtos químicos	4.645	11%	12,70%	Produtos químicos	974	7%	2,86%
Espanha	17.789	42%	4,48%	China	2.728	20%	11,31%
Produtos alimentares	2.889	16%	4,12%	Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	610	22%	-12,72%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	1.855	10%	2,52%	Equipamento eléctrico	366	13%	17,25%
Produtos químicos	1.777	10%	7,12%	Máquinas e equipamentos	312	11%	50,45%
Alemanha	6.585	15%	7,85%	Brasil	1.462	11%	-17,82%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	1.306	20%	2,63%	Petróleo bruto e gás natural	1.023	70%	-13,47%
Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	835	13%	-6,24%	Produtos da agricultura, da produção animal, da caça e dos serviços relacionados	209	14%	-22,45%
Produtos químicos	704	11%	8,86%	Produtos alimentares	61	4%	-42,98%
França	4.119	10%	9,12%	EUA	1.253	9%	14,52%
Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	602	15%	19,45%	Petróleo bruto e gás natural	442	35%	-19,01%
Vendas por grosso e a retalho e serviços de reparação de veículos automóveis e motociclos	518	13%	47,80%	Produtos da agricultura, da produção animal, da caça e dos serviços relacionados	127	10%	120,33%
Produtos alimentares	378	9%	14,34%	Outro equipamento de transporte	119	9%	231,22%
Países Baixos	3.447	8%	24,86%	Turquia	884	7%	16,87%
Produtos químicos	807	23%	87,52%	Veículos automóveis, reboques e semi-reboques	231	26%	44,15%
Produtos alimentares	548	16%	24,59%	Metais de base	131	15%	51,04%
Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	451	13%	10,97%	Produtos têxteis	116	13%	16,70%
Itália	2.890	7%	4,31%	Argélia	672	5%	26,07%
Máquinas e equipamentos	398	14%	-10,08%	Petróleo bruto e gás natural	589	88%	33,07%
Produtos químicos	268	9%	2,46%	Produtos químicos	41	6%	4,78%
Metais de base	214	7%	4,70%	Coque e produtos petrolíferos refinados	33	5%	-18,68%

Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

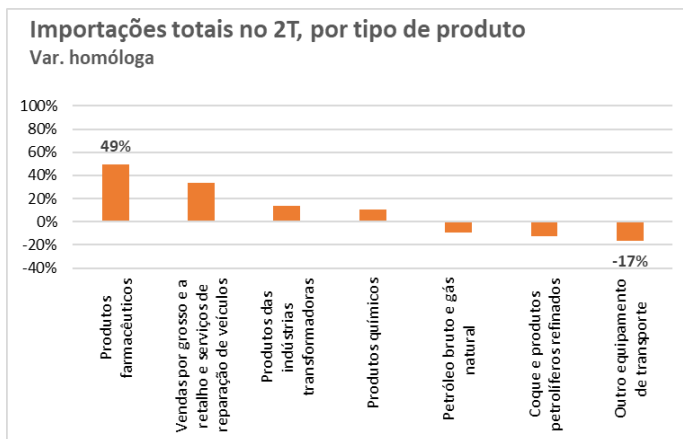
Nota: O peso das rubricas nas importações em cada país refere-se ao total específico desse país (valores acumulados de janeiro a junho de 2025).

Analisando por tipo de produto, e comparando o primeiro semestre de 2025 com o homólogo, os valores das exportações refletem um aumento de 98% no que toca à venda de produtos farmacêuticos, sobretudo devido às exportações para a Alemanha (+844%). Vale a pena referir um crescente reconhecimento internacional da indústria portuguesa da saúde desde 2022, nomeadamente ao nível da formação académica. Consideramos pouco provável que este fenómeno seja revertido a curto-médio prazo, devido à captação de investimento direto alemão e à internacionalização do setor farmacêutico, com o crescimento de grupos nacionais como a Bluepharma que, por exemplo, em 2023 inaugurou uma das maiores unidades industriais da Europa na produção de medicamentos genéricos com certas características (em parceria com duas empresas alemãs de referência na área - Helm e Welding). Em sentido contrário, as exportações de coque e produtos petrolíferos refinados reduziram-se em 24% face ao homólogo. Do lado das importações, os produtos farmacêuticos tiveram a maior variação homóloga (+49%).



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Nota: cálculos com base nos valores acumulados de janeiro a junho de 2025.



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

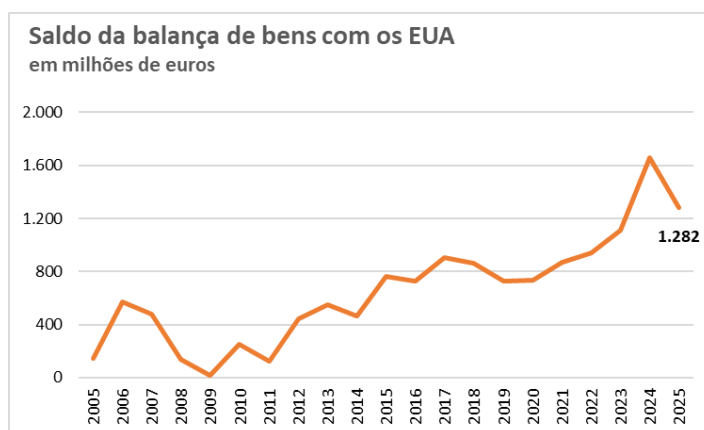
Nota: cálculos com base nos valores acumulados de janeiro a junho de 2025.

Exposição de Portugal aos EUA

O que podemos concluir sobre as relações comerciais entre Portugal e os EUA? Em termos de bens, o produto mais comprado pelos portugueses aos norte-americanos é o petróleo e gás natural. Até junho, Portugal importou um total de 442 milhões de euros desses produtos, o equivalente a 35% do montante total de bens adquiridos aos EUA (1.253 milhões de euros, +15% face ao homólogo). A compra de combustíveis aos EUA acentuou-se sobretudo desde a guerra na Ucrânia. No entanto, e em comparação com o ano anterior, verificou-se um decréscimo de 19% no total comprado em termos homólogos até junho. Ao longo de 2025, tem-se verificado um aumento homólogo expressivo nas compras de produtos agrícolas e animais e de outros equipamentos de transporte aos EUA. Assim, **os EUA estão posicionados no 8.º no ranking de países de onde Portugal mais importou bens até junho de 2025**, equivalente a 2,2% do valor total das importações.

Até junho, o valor das exportações para os EUA atingiu os 2.535 milhões de euros, -8% face ao homólogo, equivalente a 6,2% do valor total exportado por Portugal, constituindo o principal destino das exportações portuguesas de bens fora da UE, ficando apenas atrás de 3 países no *ranking* geral (Espanha, Alemanha e França). Os produtos mais vendidos aos EUA foram os farmacêuticos (727 milhões de euros, +18% face ao homólogo), seguindo-se do coque e produtos petrolíferos refinados e artigos de borracha.

O montante exportado por Portugal para este país é historicamente superior ao montante das importações, resultando em sucessivos excedentes comerciais. De facto, a balança de bens portuguesa face aos EUA tornou-se ainda mais positiva desde a pandemia. Até junho, Portugal acumulou um excedente de 1.282 milhões de euros em trocas comerciais de bens com este país. Este saldo constitui um decréscimo de 23% face ao mesmo período de 2024, quebrando a tendência de variações positivas iniciada em 2020, motivado pelo aumento das importações (devido à acumulação de *stocks* antes da entrada em vigor das tarifas) e diminuição das exportações.



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Nota: cálculos com base nos valores acumulados de janeiro a junho de 2025.

Impacto das tarifas anunciadas por Trump na UE e em Portugal

Com base nos dados de 2024, prevê-se um impacto moderado na UE no que diz respeito às tarifas propostas pela administração Trump. No entanto, os impactos setoriais variam consideravelmente, estando o setor farmacêutico europeu particularmente exposto à procura dos EUA. Outros setores com exposição significativa são os produtos químicos e as máquinas e equipamentos de transporte. Os países asiáticos, bem como os vizinhos dos EUA, são os mais expostos, enquanto a China aparece na extremidade inferior do *ranking*, embora enfrente uma "guerra comercial" mais ampla, que pode incluir acordos comerciais com os EUA que visem especificamente as cadeias de valor chinesas através de restrições indiretas à exportação. O acordo assinado entre a UE e os EUA (celebrado a 28 de julho – ver [nota breve](#)) implica que os produtos europeus serão tributados a uma tarifa geral de 15%, o que representa um aumento face à atual tarifa universal de 10%, mas fica abaixo dos 20% anunciados no *Liberation Day*.

Existem algumas exceções à tarifa geral de 15%, nomeadamente os medicamentos genéricos e a cortiça (cuja tarifa em vigor no final de 2024 não irá sofrer alterações), a indústria automóvel (que vê a taxa ser reduzida de 25% para 15%) e o aço e alumínio (que passam a ser taxados a 50%). Além disso, existe ainda um conjunto de produtos estratégicos (a definir) que estarão sujeitos a um regime tarifário mútuo de 0%, incluindo o setor aeronáutico, medicamentos genéricos, produtos agrícolas e matérias-primas críticas.

Apesar de ser o 4.º destino das exportações nacionais de bens, a **exposição de Portugal face aos EUA representa 1,9% do PIB** (com base nos dados de 2024), inferior à de outras grandes economias europeias e da UE como um todo (4,8% do PIB da UE). As exportações de bens para os EUA representaram 6,7% do valor total exportado pelo país. Os setores mais expostos às tarifas são os produtos farmacêuticos, combustíveis e artigos de borracha e plástico (a mesma se conclusão se retira ao analisar-se os dados acumulados até junho de 2025).

De acordo com o regime tarifário aprovado entre a Casa Branca e a UE, estimámos a tarifa efetiva média aplicada às exportações portuguesas que têm como destino os EUA, baseando-nos nos dados de 2024. Em primeiro lugar, e tendo em conta que os produtos farmacêuticos são o principal produto exportado para esse país, é fundamental entender o peso dos medicamentos genéricos no total exportado (uma vez que terão uma tarifa muito inferior por comparação aos outros medicamentos). Assim, e de acordo com um [estudo da Deloitte](#), em 2022 foi estimado que cerca de 1/3 do valor total dos produtos farmacêuticos exportado por Portugal referiam-se a genéricos. Assim, decidimos aplicar esta estrutura aos dados de 2024 para o cálculo da tarifa efetiva média dos produtos farmacêuticos como um todo (estimada, assim, em 10,1%). No que diz respeito aos outros produtos, aplicámos a tarifa de 50% às exportações de aço e alumínio e mantivemos a tarifa de 2024 para a cortiça. Assim, chegamos a uma **tarifa efetiva média de 14,6%**, inferior à tarifa geral de 15% devido ao facto de os EUA serem um destino importante das exportações nacionais de medicamentos genéricos e cortiça (agregados, correspondem a 11% do total exportado para o EUA), refletindo um aumento de 12,7 p.p. face à tarifa efetiva média em vigor no final de 2024².

² As tarifas aplicadas às exportações nacionais foram retiradas da WTO.

O impacto negativo no crescimento europeu até 2025 pode ser estimado em cerca de 0,2 p.p. do PIB, podendo ser parcialmente compensado pela redução nos níveis de incerteza. Além disso, estando ainda a aguardar mais detalhes, a UE ter-se-á comprometido, nos moldes do acordo com o Japão, a investir nos EUA e a comprar produtos energéticos e *chips*. Desta forma, e com base numa avaliação inicial, pode-se dizer que a Europa limitou os danos de uma potencial escalada comercial com os EUA, estando a aguardar a finalização dos detalhes do acordo.

Principais produtos exportados para os EUA em 2024

	Milhões de euros	Peso no total (%)
Produtos farmacêuticos	1.183	22,2%
Coque e produtos petrolíferos refinados	1.031	19,4%
Artigos de borracha e plástico	418	7,9%
Produtos metálicos transformados	343	6,4%
Produtos informáticos, eletrónicos e óticos	256	4,8%
Produtos têxteis	246	4,6%
Artigos de vestuário	219	4,1%
Produtos químicos	213	4,0%
Madeira e cortiça	210	3,9%
Máquinas e equipamentos	167	3,1%
Outros produtos minerais não metálicos	154	2,9%
Equipamento elétrico	138	2,6%
Produtos alimentares	136	2,6%
Mobiliário	110	2,1%
Couro e produtos afins	110	2,1%
Bebidas	110	2,1%
Papel e cartão	88	1,7%
Metais de base	72	1,3%
Outros	114	2,1%
Total	5.316	6,7%
% PIB	1,9%	-

Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Nota: Os 6,7% são obtidos através do rácio entre as exportações para os EUA e o montante das exportações totais de 2024.

BPI Research, 2025

Pedro Avelar

e-mail: pedro.alexandre.avelar@bancobpi.pt

AVISO SOBRE A PUBLICAÇÃO “NOTA INFORMATIVA” DO BPI

Publicação do Banco BPI preparada pela sua Área de Estudos Económicos e Financeiros que contém informações e opiniões provenientes de fontes consideradas confiáveis. O Banco BPI não garante a precisão do mesmo e não é responsável por erros ou omissões neles contidos. Este documento tem um objetivo puramente informativo, razão pela qual o Banco BPI não é responsável, em qualquer caso, pelo uso que dele se faz. Opiniões e estimativas são propriedade da área e podem estar sujeitas a alterações sem aviso prévio.